

La Comédiathèque

REALITY SHOW

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor: <https://comediatheque.net>**

Reality Show

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

O apresentador de um canal obscuro de cabo recebe um político do qual deve garantir a promoção. Mas a entrevista não se desenrolará como planeado...

Personagens

Victor (ou Vitória): Presidente/a
Donald (ou Daisy): Vice-Presidente/a
Paco: Técnico/a
Manolo: Técnico/a
Bruno: Apresentador
Diana: Assistente
Carlos: Político
Claudio (ou Cláudia): Convidado/a
Felipe (ou Fabiola): Convidado/a
Cassandra: Convidada
Ramírez: Comissário/a
Sánchez: Inspetor/a
Samantha: Estagiária
Daniel (ou Daniela): Espectador/a

*14 personagens. Um ator ou uma atriz pode interpretar vários papéis.
A maioria destes personagens pode ser tanto masculina quanto feminina.*

Distribuição possível (primeiro ato apenas)
2H/5M, 3H/4M, 4H/3M, 5H/2M, 6H/1M

Distribuição possível (prólogo e dois atos)
2H/10M, 3H/9M, 4H/8M, 5H/7M, 6H/6M, 7H/5M, 8H/4M, 9H/3M,
2H/11M, 3H/10M, 2H/12M, 3H/11M, 4H/10M

© La Comédiathèque

PRÓLOGO

(opcional)

Um estúdio vazio, tal como se apresentará no início do primeiro ato. A ação também pode ocorrer em frente à cortina antes de se levantar, ou mesmo na plateia.

Victor, o presidente da Tele2, entra apressadamente e cruza-se com o seu vice-presidente, que chega a um passo mais lento, com um jornal desportivo na mão.

Victor – Ah, Donald! Viste isto? A nossa audiência voltou a descer!

Donald – Sim, eu sei, Victor...

Victor – Que a Tele1 tenha sistematicamente melhores audiências que nós, vá lá... Mas se isto continuar assim, vamos ficar atrás da Tele3...

Donald – Sim...

Victor – Diz-me a verdade, Donald...

Donald – Sim, Victor...?

Victor – De onde tiraste esse nome tão ridículo? É um pseudónimo?

Donald – Não...

Victor – Quem seria tão idiota para escolher um pseudónimo assim...? Deve ter sido difícil aguentá-lo, não? Sobretudo quando eras criança...

Donald – Bem...

Victor – Voltemos ao que interessa... Quero dizer, às nossas donas de casa com menos de cinquenta anos. A que se deve esta erosão constante da nossa audiência? E quando digo erosão... Estamos a afundar-nos, Donald!

Donald – Poderíamos trocar o responsável pelos programas... E voltar a pôr aquele que despedimos há seis meses...?

Victor – Estamos no Titanic, Donald, e a única coisa que te ocorre é mudar a espreguiçadeira? Não entendo. No entanto, eliminámos a publicidade.

Donald – Precisamente...

Victor – Precisamente o quê?

Donald – A publicidade era a única coisa que as pessoas ainda viam na Tele2. Agora que a eliminámos, a audiência cai... Vão ver os anúncios na Tele3...

Victor – E as nossas ficções nacionais? Que fizeram a reputação do nosso canal e que se exportam por todo o mundo!

Donald lança-lhe um olhar indicando que está a exagerar um pouco.

Victor – Não me digas que, antes de eliminarmos a publicidade, já ninguém via as séries da Tele2.

Donald – Sim... Para passar o tempo entre dois blocos de anúncios...

Victor – Diz-me a verdade, só desta vez...

Donald – Posso falar-te com sinceridade?

Victor – Não te contratei para isso, é verdade, mas a situação é grave.

Donald – A força de tentar fazer séries consensuais, acabámos por inventar as séries invisíveis. Pelo menos, impossíveis de ver. Queríamos que as nossas ficções não incomodassem ninguém, e no final aborreceram toda a gente... Tu vês as nossas séries?

Victor – Pagam-me para isso...

Donald – Exato... Mas não podemos pagar milhões de espectadores para que vejam as nossas ficções...

Victor – E pensar que, há sessenta anos, só havia um canal a preto e branco. Tudo era muito mais simples... No entanto, hoje em dia os autores são muito supervisionados, não entendo.

Donald – Com certeza... Por cada autor que escreve, pagamos seis consultores de programas para lhe dizerem que o que escreve é uma porcaria...

Victor – Então, qual é o problema?

Donald – Pega na comédia, por exemplo. É muito difícil fazer um consultor de programas rir. Agora imagina fazer rir seis com a mesma coisa...

Victor – E de onde vêm todos esses consultores?

Donald – Isso nunca soubemos... Quando uma vaca larga um monte de esterco, sabemos de onde vêm as moscas?

Victor – Temos de encontrar algo urgentemente para dar a volta por cima, Donald. O que é que as pessoas ainda vêm na televisão, além dos anúncios?

Donald – O futebol... Mas perdemos a compra dos direitos este ano... Já não temos dinheiro... Com a eliminação da publicidade... Deu para pagar os Jogos Olímpicos de Inverno, mas ao que parece, o biatlo no gelo ainda não encontrou o seu público no nosso país...

Victor – O futebol? Aí está! Substituímos os atores nas nossas ficções por jogadores de futebol.

Donald – Jogadores de futebol?

Victor arranca o jornal desportivo da mão de Donald.

Victor – Vê! Este aqui, por exemplo...

Donald (*indeciso*) – Não sei...

Victor – Se tens uma ideia melhor... Pago-te para isso, não?

Donald reflete.

Donald – E se, em vez de nos esgotarmos a lutar contra a concorrência da Tele1, levássemos a nossa linha editorial até ao fim...

Victor – Uma linha editorial... Não sabia que tínhamos uma...

Donald – Abandonamos a ficção. Mostramos a televisão a fazer-se! Poderíamos chamar-lhe Tele-supervisão, por exemplo. Filmamos diretamente o autor a escrever e a autocensurar-se. Os seis consultores de programas a não se rirem das piadas que ele não ousou fazer. O auge da tele-realidade!

Victor – Excelente, Donald, excelente! Quando começa?

Donald – O quê?

Victor – Tele-supervisão!

Donald aponta para as câmaras de vigilância.

Donald – Já começou...

Escuridão.

ATO 1

O estúdio de um canal de televisão cujo nome aparece num cartaz na parede de fundo: Tele2. O estúdio está vazio por enquanto, exceto por uma mesa baixa com três microfones. Um técnico entra, vestido com um macacão de trabalho. Traz uma cadeira. Inspecciona o local para verificar se está no sítio certo.

Paco – Manolo!

Manolo (*fora de cena*) – O quê?

Paco – "Uma Vontade, Um Destino", é o estúdio número 2, certo?

Manolo (*fora de cena*) – Sim.

Paco – Bem, convinha apressarmo-nos, estamos no ar daqui a um quarto de hora.

Paco coloca a cadeira de um lado do palco. Manolo, também vestido com um macacão de trabalho, entra com outra cadeira. Dependendo da distribuição, Paco e Manolo podem ser tanto homens como mulheres (com um aspeto algo masculino).

Manolo – Eh, não sou Deus, não posso estar em todo o lado. (*Coloca a cadeira em frente à outra.*) Além disso, não há pressa. O convidado do programa ainda está na maquilhagem...

Paco – Onde está a câmara?

Manolo (*apontando para a sala de controlo*) – Ali.

Paco (*chamando o controlo*) – As cadeiras estão bem assim? Mais para o centro?

Manolo e Paco aproximam um pouco as cadeiras.

Paco – Quem é o convidado de hoje?

Manolo – Um político.

Paco – Quem?

Manolo – Não me lembro...

Paco – De direita ou de esquerda?

Manolo – Do centro, acho. Mas bem, agora, a direita, a esquerda...

Paco – Estou a falar-te das cadeiras, imbecil. Vai sentar-se à direita ou à esquerda, o teu centrista?

Manolo – Esse é o problema com os centristas. Nunca se sabe de que lado vão sentar-se...

Paco – Achas mesmo que temos tempo para piadas?

Manolo – Normalmente, o convidado do dia senta-se aqui. E os outros idiotas sentam-se à frente, um a um.

Paco – E o apresentador?

Manolo – Tens razão, falta uma cadeira.

Paco – Pois, parecia-me... (*Manolo sai.*) Que imbecil...

Manolo volta com uma cadeira e coloca-a no centro, entre as outras duas.

Manolo – Aqui está.

Paco – Senta-te aí.

Manolo senta-se no lugar do convidado e Paco no lugar do apresentador.

Manolo – Ok, faço de convidado, então.

Paco (*ao controlo*) – Estão a ouvir-nos? Ok. Vamos fazer uma prova de microfone. (*A Manolo*) Então, senhor Tontolho Cara de Ovo, prometeste durante a tua campanha eleitoral que os impostos iam baixar e os salários subir. Mas aconteceu exatamente o contrário. Como é que te atreves a mostrar a tua cara de parvo na televisão?

Manolo – Caro amigo, não se deve ver as coisas de forma tão simplista e caricatural. Na realidade, para além das aparências por vezes enganadoras, a situação do nosso país não é tão catastrófica como a oposição quer fazer-nos acreditar...

Paco – Bem, parece que está a funcionar.

Manolo – Sim...

Paco – O espetáculo vai começar...

Manolo – Quando os palhaços saírem da maquilhagem...

Paco – E quem é o apresentador de "Uma Vontade, Um Destino"?

Manolo – Esse idiota que acabou de chegar.

Paco – O que foi despedido da Tele1? Pensei que aproveitava para se reformar...

Manolo – Pois, bem, nós não vamos reformar-nos tão cedo.

Paco – Ah, olha, aí vem ele, o apresentador estrela...

Bruno, o apresentador, entra com ar de galã (jovem ou mais velho).

Bruno – Então, rapazes, tudo bem? Espero que sim, porque já vamos atrasados...

Paco – E de quem é a culpa? Tivemos de ajustar o som nós próprios. O teu centrista já está pronto para entrar?

Bruno – Eu sou apenas o apresentador... E há convidados que precisam de mais maquilhagem do que outros para estarem apresentáveis... As câmaras estão prontas?

Manolo – Sim, está tudo em ordem.

Bruno – O que faríamos sem os técnicos de câmara?

Paco – Provavelmente, rádio.

Bruno – Ha, ha! Excelente... Faz-me lembrar os meus começos, quando trabalhava numa rádio local. Já vos contei a primeira vez que...

Paco – Bem, desculpa, mas temos trabalho a fazer.

Paco e Manolo saem.

Bruno – Trabalho... Que cambada de preguiçosos. Um trabalha e dois olham. (*Dirigindo-se aos camarins*) Diana?! O que estará essa tonta a fazer agora?

Diana entra, vestida de forma provocante.

Bruno – Ah, Diana! Como estás, querida? Estava mesmo a pensar em chamar-te...

Diana (*coquete*) – Aqui estou, Doutor. Pronta para satisfazer todos os teus desejos...

Bruno – E o convidado, está pronto?

Diana – Sim, sim, já vem...

Bruno – Os políticos, digo-te... Em matéria de maquilhagem, são piores que as mulheres.

Diana – E não faltava trabalho...

Bruno – Até me fez prometer que o sentava à direita porque é o seu melhor perfil. Consegues imaginar?

Diana – Não o suporto...

Bruno – Não é um presente, eu sei, mas... Pode ser o nosso próximo presidente. Por acaso, estivemos juntos na universidade. Já tinha ambições enormes.

Diana – É tão pretensioso! E tão machista...

Bruno – Não te faltou ao respeito, pois não?

Diana – Pedi à estagiária para lhe trazer uma infusão com mel para clarear a voz antes do programa. E sabes o quê? Mandou-a de volta porque não estava suficientemente quente.

Bruno – Não suficientemente quente? Quem? A infusão ou a estagiária? (*Rindo-se às gargalhadas.*) Vi-a esta manhã, a Samantha... (*Perante o olhar reprovador de Diana*) Bem... Falta-nos um minuto. Vemos juntos os últimos detalhes?

Diana – Justo o que ia propor-te...

Bruno – E os idiotas que ele convocou para a sua apologia, estão todos aqui?

Diana (*tirando uma lista*) – Sim, mas... Queria mesmo falar contigo sobre isso...

Bruno – Não temos tempo para isso agora, querida. Vejamos... (*Bruno pega-lhe na lista.*) Imagino que entre eles estará a professora que despertou os seus primeiros sentimentos amorosos, o colega de internato que lhe ensinou a... Bem, já sabes, e a amiga da mãe que lhe tirou a virgindade... Estou a brincar...

Carlos, o político, entra com uma chávena na mão.

Bruno – Carlos! Como estás?

Carlos – Muito bem, Bruno, e tu?

Bruno – Desculpa, não consegui passar para te cumprimentar na maquilhagem, mas estamos atrasados... Ofereceram-te café?

Carlos – Nunca bebo café, mancha os dentes... Também deixei de fumar e estou de dieta.

Bruno – Ah, sim, nota-se.

Carlos – O meu assessor de comunicação diz que se tens ambições políticas, é melhor ter os dentes brancos e não parecer demasiado bem alimentado.

Bruno – Claro.

Carlos – É curioso estar aqui, não é? Já passaram anos...

Bruno – Estava mesmo a dizer isso à Diana. Conhecemo-nos na universidade, não é verdade?

Carlos – Sim...

Bruno – Éramos jovens e bonitos. Que tempos aqueles!

Carlos – Pois é...

Bruno – De qualquer forma, deixaram-te irreconhecível, hã? Pareces um palhaço!

Carlos – Conto contigo para evitar esse tipo de piadas em direto. Já de si, os políticos não somos muito apreciados...

Bruno – A propósito, conheces a Diana? Ela é a minha assistente...

Carlos – Sim, sim, cruzámo-nos, mas... Não sabia que era tua assistente...

Bruno – Para mim, ela é muito mais do que uma assistente, acredita... Mas nem te atrevas a roubá-la, né?

Carlos – Não mudaste nada...

Bruno – Claro, no ar tratamo-nos por "você".

Carlos – Senão, voltarão a falar das relações incestuosas entre a política e os media.

Bruno – Se todos os políticos não casassem com jornalistas também!

Diana – No dia em que for ao contrário, teremos dado um grande passo para a igualdade de género...

Bruno – Bem, chega de brincadeiras, temos de nos preparar, amigo. Entramos no ar dentro de cinco minutos.

Carlos – Está tudo pronto, então?

Bruno – Sim, sim, não te preocupes... A Diana já me deu a lista dos teus convidados surpresa, cuidadosamente preparada pelo teu assessor de comunicação.

Diana – Justo queria falar-vos sobre isso...

Bruno (*pegando na lista*) – Vamos ver... Quem temos primeiro...? A Senhora Cláudia Escudeiro...

Carlos – Cláudia Escudeiro? Quem é essa? Nunca dei esse nome para a minha lista de convidados surpresa!

Diana – Sabes... Com esta epidemia de gastroenterite, houve muitas desistências e... Tivemos de substituir alguns dos teus convidados...

Carlos – Como assim, substituir? Falaste com o Pedro sobre isso?

Bruno – Quem é o Pedro?

Carlos – Pedro! O meu assessor de comunicação, porra!

Diana – Fizemos isso no último momento...

Bruno – Não te preocupes, Carlos, está tudo sob controlo... Estamos habituados, sabes? Gerimos bem... E assim, serão mesmo convidados surpresa.

Carlos – Odeio surpresas... Se cheguei onde estou hoje, acredita, é porque nunca deixo nada ao acaso...

Bruno – Relaxa... Queres que chame a estagiária para te fazer uma pequena massagem antes do programa? Ela é muito boa, sabes?

Carlos – Esta infusão que ela me deu está a dar-me vontade de urinar... Ainda tenho tempo, não é?

Bruno – Sim, sim, vai... É por ali... Mas despacha-te... (*Carlos sai.*) Mas o que fizeram? Podiam ter-me dito!

Diana – Tentei, mas...

Bruno – Bem, de qualquer forma, já não temos tempo...

Diana (*apontando para o público*) – Talvez devesse dizer algo ao público antes de começar...

Bruno – Ah, sim, tens razão, já me tinha esquecido deles... (*Ao público*) Senhoras e senhores, bom dia e bem-vindos aos estúdios da Tele2. Como já devem saber, vão assistir à transmissão ao vivo do nosso programa "Uma Vontade, Um Destino". Portanto, podem aplaudir de vez em quando, se quiserem, e até é recomendável. (*Diana mostra um cartaz de "aplausos"*). Mas, para além disso, fechem a boca, está bem?

Diana – Portanto, se quiserem assoar o nariz, tossir ou engasgarem-se com pipocas, é agora ou nunca.

Bruno – Não há bebés asmáticos na sala? Pessoas idosas com respiradores ruidosos? Sogras tagarelas? Agora é o momento de os levar à entrada. Nós devolvemos-vos à saída.

Diana – O mesmo com os telemóveis.

Bruno – Não se esqueçam de pôr uma etiqueta para evitar confusões quando os devolvermos.

Diana – O Bruno falava dos telemóveis, claro.

Bruno – Acham mesmo que não vão sentir falta deles?

Diana – Então, vamos começar!

Carlos regressa.

Bruno – Ah, Carlos, já urinaste? Bem, agora podemos começar o programa...

Carlos parece notar a presença do público pela primeira vez.

Carlos (*em voz baixa*) – Quem são todas estas pessoas?

Bruno – Bem, é o público.

Carlos – O público? Para quê o público?

Diana – O programa é com público.

Carlos – Não sabia que havia público...

Bruno – São os teus eleitores, Carlos! É importante que estejam aqui...

Carlos – Meus eleitores? Verificaste com o meu assessor de comunicação se todos votaram em mim?

Bruno – Referia-me a eleitores no geral. Se queres ser o próximo presidente, amigo, são estas pessoas que tens de convencer! O povo do nosso país! E a Tele2 está aqui para te ajudar a fazê-lo!

Paco (*voltando*) – Bem, não quero interromper, mas entramos no ar dentro de trinta segundos, por isso, se se puderem sentar e parar de conversar...

Bruno – Certo... Se a técnica estiver pronta, vamos a isso...

Sentam-se nas cadeiras. Diana, fora do campo das câmaras, faz a contagem decrescente com os dedos: cinco, quatro, três, dois, um, zero. Começa a abertura do programa. Depois, Diana dá o sinal a Bruno, apontando-lhe com o dedo para indicar que é a sua vez.

Bruno – Caro e fiel público, cada vez mais numeroso, bom dia! Muito contente por vos dar as boas-vindas novamente ao estúdio de "Uma Vontade, Um Destino". O nosso convidado de hoje, conhecem-no, é um dos vossos representantes e um político em ascensão: Carlos De La Vega. Senhor De La Vega, bom dia!

Carlos – Bom dia, Bruno, e bom dia a todos. Obrigado por me convidarem a este estúdio...

Bruno – Senhor De La Vega, atualmente é deputado, como representante dos nossos cidadãos residentes no estrangeiro. Um círculo eleitoral injustamente desconhecido...

Carlos – No entanto, é essencial que os nossos compatriotas, que contribuem para o prestígio do nosso país no mundo, estejam dignamente representados no Parlamento.

Bruno – E, querido público, é importante esclarecer que quando o senhor De La Vega fala dos nossos compatriotas no estrangeiro, não se refere apenas aos exilados fiscais, mas também a todos esses engenheiros anónimos que exportam o melhor que a indústria da nossa nação tem para oferecer, seja em aviões militares ou centrais nucleares...

Carlos – Considero todos esses anónimos como os soldados desconhecidos da globalização.

Bruno – Boa frase, Carlos, e que me oferece uma transição fácil. Não é segredo que o seu nome é mencionado para o Ministério da Defesa ou o Ministério da Administração Interna, e não esconde as suas ambições para as próximas eleições presidenciais.

Carlos – Cada coisa a seu tempo, Bruno. E por agora tenho apenas um objetivo: servir o meu país da melhor maneira possível no cargo que ocupo hoje.

Bruno – Essa modéstia é louvável, senhor De La Vega. De qualquer forma, este programa vai permitir que o grande público o conheça um pouco melhor. Na verdade, se os nossos compatriotas no estrangeiro, que o elegeram, têm uma imagem clara do seu percurso político, os outros talvez descubram hoje o seu rosto.

Carlos – Espero que não fiquem dececionados...

Bruno – Depende de si mostrar-lhes o seu melhor perfil, Carlos! Em todo o caso, se os nossos cidadãos conhecem o político, nada sabem sobre o homem. E é verdade que é bastante discreto...

Carlos – De facto, não gosto muito de falar de mim. Mas penso que, hoje em dia, é necessário promover-se um pouco. E os meus concidadãos, que me confiaram as responsabilidades que ocupo hoje, têm o direito de saber quem sou...

Bruno – Sem mais demoras, senhor De La Vega, recebemos a nossa primeira convidada surpresa. Uma convidada que, não há dúvidas, nos permitirá iluminar a sua personalidade de uma forma um pouco mais pessoal... já que se trata da sua antiga professora.

O rosto de Carlos descompõe-se.

Carlos – A minha professora...

Entra uma mulher de meia-idade, possivelmente com sotaque regional. Do lado do palco, Diana mostra ao público o cartaz onde se lê "aplausos". Bruno dá uma olhadela à sua ficha.

Bruno – Bom dia, Cláudia, e bem-vinda ao nosso programa "Uma Vontade, Um Destino"! (*Carlos parece surpreendido, mas controla-se.*) Carlos, imagino que reconhece a Cláudia... embora tenham passado alguns anos desde a última vez que se viram...

Carlos – Sim, claro... Bem, não... Quer dizer... Cláudia?

Bruno – Depois de todos estes anos, ela também mudou um pouco. Agora está reformada. Mas sim, Carlos, é a sua professora da escola. Cláudia! Aquela que conheceu quando gastava as calças nos bancos do Colégio Nossa Senhora do Pilar...

Carlos – Ah, claro... A senhora Escudeiro, pois claro... Daí o nome Cláudia...

Bruno – Primeiro, Cláudia, o Carlos era um aluno brilhante?

Cláudia – Brilhante? Meu Deus... Não, diria mais... Mediano. Sim, era um aluno bastante mediano. Um pouco abaixo, talvez.

Bruno – Então diga-me, Cláudia, parece que ele se recuperou bastante bem. Como vemos, no nosso belo país, até os mais atrasados na escola têm uma boa oportunidade de se tornarem um dia Presidentes...

Cláudia – Sim...

Bruno – Então, Cláudia, descreva-nos um pouco como era o Carlos quando era criança. Que adjetivo lhe vem primeiro à mente para descrever o jovem que ele era na altura?

Cláudia – Um adjetivo?

Bruno – Sim... Ou vários, se preferir.

Cláudia – Não é fácil...

Bruno – Tente... Sem pensar muito.

Cláudia reflete.

Cláudia – Astuto.

Bruno – Perdão?

Cláudia – Sim... Não diria que era mau, não. Mas astuto, percebe?

Bruno – Bem, enfim...

Cláudia – Falso, se preferir.

Bruno tenta levar a situação com humor para atenuar a tensão.

Bruno – Não sei o que o Carlos prefere, na verdade...

Carlos – É verdade que não era uma criança muito sossegada, reconheço... Como todos os rapazes da minha idade, suponho...

Cláudia – Digamos que... quando fazia uma traquinice, conseguia sempre que outro levasse as culpas, entende?

Bruno – Entendo, Cláudia... Pois obrigado por este primeiro testemunho, que sem dúvida...

Cláudia – Uma vez, lembro-me que ele partiu o braço de um anão a jogar à bola durante o recreio...

Bruno – Um anão? O senhor De La Vega estudava numa escola para anões?

Cláudia – Não, não, não era um anão de verdade. Era um anão de porcelana. Um anão de jardim, se preferir. Estava mesmo no meio do canteiro de flores, no recreio.

Bruno – Ah, já... Isso parecia-me... Uma escola para anões. Não tem nada de Branca de Neve, pois não, Cláudia?

Cláudia – Enfim, o senhor Carlos partiu o anão. Era o Feliz, o meu favorito. Pergunto-me se aquele malandro não fez de propósito. Pois conseguiu que acusassem um dos seus colegas em vez dele...

Bruno – Vá lá, Cláudia, não vamos carregar mais este pobre Carlos... É humano não querer pagar pelos erros... E afinal, já prescreveu, não é verdade? Além disso, tenho a certeza de que o Carlos lamentou sinceramente esse infeliz incidente mais tarde... E o que realmente mostra é que é um homem como qualquer outro, perfeitamente normal, com os seus defeitos e, sobretudo, com as suas virtudes.

Cláudia – De qualquer forma, ele não mudou...

Bruno – Pois obrigado, Cláudia, por este testemunho...

Cláudia – Lembro-me de outra história...

Bruno – Será numa próxima ocasião, Cláudia... Ainda temos muitos outros convidados e...

Cláudia vai-se embora, quase arrastada por Diana, sob o olhar irado de Carlos, que tenta manter a compostura. Do lado do palco, Diana mostra ao público o cartaz de "aplausos".

Bruno – Pois bem, Carlos, são as alegrias do direto! Pelo menos não poderão acusar-nos de ter escolhido cuidadosamente os convidados.

Carlos – Completamente, Bruno...

Bruno – Então, sentiu alguma emoção ao reencontrar a sua querida professora depois de tantos anos?

Carlos – Claro, é muito emocionante para mim voltar a ver a Claudina...

Bruno – Cláudia...

Carlos – Receio que essa pobre mulher já não tenha todas as faculdades.

Bruno – Pois, sem mais demoras, Carlos, recebemos o nosso segundo convidado.

Do lado do palco, Diana mostra ao público o cartaz de "aplausos". Entra uma mulher mais jovem, com sotaque estrangeiro. O papel de Fabiola também pode ser interpretado por um homem de sexualidade ambígua.

Carlos – Fabiola?

Bruno – Ah, essa pelo menos reconhece...

Carlos – Bem, sim...

Bruno – Então, Fabiola, foi colega de casa do Carlos quando ele era estudante, certo?

Fabiola – Fabiola, na verdade, é um apelido... Porque sou das Filipinas... E o senhor Carlos não conseguia pronunciar o meu verdadeiro nome...

Bruno – Nesse caso, qual é o seu verdadeiro nome?

Fabiola – Zastermadmarmo. É um nome de origem tibetana que faz referência à Deusa da Riqueza.

Bruno – Zaster... Pois acho que vamos continuar a chamá-la de Fabiola, não é? Então, Fabiola, que tipo de colega de casa era o Carlos?

Fabiola – Muito organizado.

Bruno – O gosto pela organização é um bom ponto para um futuro Ministro da Administração Interna...

Fabiola – Diria até que era um pouco... maníaco.

Bruno – Maníaco?

Fabiola – As calças dele tinham sempre de estar impecavelmente passadas. Com o vinco bem no centro. Para que caísse exatamente sobre o pompom dos mocassins.

Bruno – Porque era você quem lhe passava as calças? Bem, Fabiola, teria adorado ter uma colega de casa como você quando era estudante...

Fabiola – Na verdade, eu era mais a sua empregada doméstica...

Bruno – Empregada doméstica? Então, Fabiola, não só é a colega de casa perfeita, é a mulher ideal!

Fabiola – Como estava sem documentos, nem podia alugar um quarto em meu nome... Então o senhor Carlos acolheu-me em sua casa...

Bruno – O que demonstra a sua generosidade...

Fabiola – Em troca, fazia algumas tarefas domésticas...

Bruno – Entendo... Pequenos arranjos entre amigos, em resumo...

Fabiola – O senhor Carlos também recorria aos meus serviços quando se sentia um pouco sozinho, sabes a que me refiro...

Bruno – Claro, lia para ele à noite junto à lareira... Ou dava-lhe uma pequena massagem de vez em quando para aliviar o stress antes de um exame importante...

Fabiola – Sim, bem...

Bruno (*interrompendo-a*) – Então, que tipo de estudante era ele? Imagino que o Carlos era tão meticoloso nos estudos quanto nos vincos das suas calças, certo?

Fabiola – Não devia dizer isto, mas fui eu quem escreveu a sua tese de mestrado...

Bruno – Mais um pequeno serviço na área da secretária, então. Porque nessa altura, não nos esqueçamos, não havia processadores de texto. Então ele dava-lhe os rascunhos e você passava-os à máquina...

Fabiola – Sim, eu dactilografei a tese dele. Mas, na verdade... nunca me deu um rascunho. Fui eu quem escreveu a tese inteira.

Bruno – A sério? Bem, pelo menos confiou em si, não acha?

Fabiola – Em troca, o pai dele, que era deputado, arranjou-me uma autorização de residência temporária.

Bruno – Pois bem, senhoras e senhores, isto mostra que o Carlos também é um homem de bom coração. Obrigado, Fabiola, por este testemunho comovente.

Fabiola – A propósito, senhor Carlos, se pudesse fazer mais alguma coisa por mim... O meu visto expira no final do mês e... Eu faço o que for preciso, juro...

Bruno – A minha assistente vai anotar os seus dados e tenho a certeza de que o senhor De La Vega, quando for Ministro da Administração Interna, vai rever o seu caso com benevolência... Não é, Carlos?

Carlos – Claro...

Bruno – Alguém pode acompanhar a senhorita Fabiola à fronteira... Quero dizer, aos bastidores...

Paco e Manolo chegam e arrastam Fabiola para os bastidores. Do lado do palco, Diana mostra ao público o cartaz de "aplausos".

Fabiola – Mas larguem-me, bando de brutos!

Saem.

Bruno – Pois bem, Carlos, algum comentário antes de passarmos ao próximo convidado...?

Carlos – No início pensei reconhecer essa pessoa, Bruno, mas agora tenho quase a certeza de que é uma impostora...

Bruno – Também acredito que sim, Carlos. E lamento muito este incidente. Mas, o que podemos fazer? São os imprevistos da televisão!

Ouvem-se sons de luta e alterações nos bastidores. Momento de desconcerto.

Bruno – Um programa cheio de surpresas, sem dúvida! O que nos contará o nosso terceiro convidado sobre si...? (*Olhando para a sua lista*) Agora temos o prazer de receber a baronesa Cassandra Von Kronenbourg, sua sogra...

Do lado do palco, Diana mostra ao público o cartaz de "aplausos".

Bruno – Dizem-me no auricular que não vai ser possível...

Uma mulher tenta entrar no estúdio, mas é imediatamente retirada por Paco e Manolo (se apenas for encenado o primeiro ato como uma comédia curta, esses ruídos de luta e o personagem da baronesa podem permanecer fora de cena para evitar figurantes desnecessários).

Cassandra – Mas deixem-me passar! Tenho coisas a dizer!

Bruno – Infelizmente, o tempo esgotou-se. Temos de cortar a emissão e não poderemos receber a nossa última convidada.

Carlos – Que pena, essa sim estava na minha lista de convidados surpresa...

Bruno – Senhoras e senhores, o tempo voa, e infelizmente temos de devolver a antena. Obrigado pela vossa fidelidade a "Uma Vontade, Um Destino", e muito boa noite...

Abertura de encerramento do programa. Sorriso de circunstância.

Carlos – Não, mas que calvário... Preciso de ir à casa de banho... Deve ser o stress do programa... Bruno, eu não te perdoo esta!

Diana – Um pouco mais baixo... Ainda há gente na sala...

Carlos – Tu, perua, ninguém te pediu a tua opinião! Se não tivesses trocado a lista de convidados à última hora sem me consultares!

Bruno – Vamos lá, acalmem-se todos... Afinal, não correu assim tão mal, pois não?

Carlos – Achas mesmo? Bem, vamos cortar tudo na edição...

Bruno – Edição? Mas Carlos, foi em direto...

Carlos – Em direto? Não sabia que era em direto...

Diana – Vá lá, não foi assim tão grave.

Bruno – O importante, sabes, é aparecer na televisão.

Carlos – Achas?

Bruno – E entre nós, se queres saber, em política, os nossos compatriotas preferem os que fazem manigâncias...

Carlos – Achas mesmo?

Bruno – Claro! As pessoas têm horror a um político honesto. Dá-lhes medo. Alguém honesto, o que queres que te diga? Não confiam nele.

Diana – Preferem alguém que se pareça com eles.

Bruno – Assim vão sentir-se mais próximos de ti.

Carlos – Achas?

Bruno – Claro!

Diana – Um bonzinho? Para primeiro-ministro, talvez. Mas para presidente, querem o Super Mentirosos.

Bruno – Mas cuidado! Com um toque rural, claro.

Diana – Para ser presidente neste país, tens de mostrar que serias capaz de vender um cavalo de tração como se fosse um puro-sangue árabe.

Carlos – Então, segundo vocês, não cortamos nada.

Diana – Se não, teríamos de cortar tudo.

Bruno – E de qualquer forma, foi em direto.

Carlos – Olha, estás a convencer-me.

Bruno – Estou a dizer-te que foi um bom programa.

Carlos – Ouve lá, Bruno, gostarias de substituir o Pedro?

Bruno – Quem é o Pedro?

Carlos – O meu assessor de comunicação!

Bruno – Almoçamos e falamos sobre isso?

Saem.

ATO 2

Paco e Manolo, os dois técnicos, voltam.

Paco – O que há agora no estúdio número 2?

Manolo – Televenda.

Paco – Quer estejam a vender detergentes ou políticos, prometem sempre lavar mais branco... A televisão é sempre televenda, não é?

Varrem o chão, limpam a mesa e colocam os microfones no lugar.

Manolo – O que achaste do centrista?

Paco – Olha, surpreendeu-me agradavelmente.

Manolo – Sim, a mim também.

Paco – Tiramos os sofás?

Manolo – Temos de fazer espaço para os produtos.

Paco – Que produtos são?

Manolo – Urnas.

Paco – Não pode ser... Depois de nos venderem o candidato, agora vendem-nos as urnas?

Manolo – Urnas funerárias!

Paco – Ah, claro...

Manolo – À tarde, só resta a quarta idade a ver televisão. Temos de reconhecer que não é fácil encontrar produtos que ainda os façam sonhar.

Paco – Tens razão, logo depois da sesta, uma boa promoção para a cremação...

Manolo – Que vontade de me reformar, estás a ver? Assim podíamos relaxar em frente à televisão em vez de trabalhar nela.

Paco – Quem vai apresentar esta televenda?

Manolo – Será a Samantha, a estagiária, quem vai apresentar. Fiz-lhe ensaiar um pouco o papel antes. Só de a ver abraçar uma urna funerária contra o peito, dá vontade de ser incinerado.

Paco – Tão forte assim?

Manolo – Estou a dizer-te, é uma bomba. Ainda não a viste?

Paco – Acho que não.

Manolo – Irias lembrar-te, acredita... Lá vem ela...

Samantha, a estagiária, chega, em pânico.

Paco – Mas o que se passa, miúda?

Samantha – Ai, meu Deus! Viram a Diana?

Manolo – Ela estava aqui há pouco... O que se passa?

Samantha – Acabei de encontrar o Carlos De La Vega na casa de banho dos homens.

Paco – Na casa de banho dos homens? E isso é assim tão grave?

Samantha – Está morto!

Samantha sai.

Manolo – De La Vega? Morto?

Paco – Parece que o teu centrista nunca vai ser Presidente...

Manolo – Sim, agora é muito improvável, de facto. Parece que, neste país, o centro está amaldiçoado. De qualquer forma, é estranho...

Paco – O quê?

Manolo – O que estava ela a fazer na casa de banho dos homens...?

Paco – Quem?

Manolo – A estagiária!

Paco – Um candidato presidencial morreu e isso é o único que te parece estranho?

Manolo – Achas que vão manter o programa de televenda?

Paco – Tens razão, é melhor irmos informar-nos. Não faz sentido esforçarmo-nos para nada...

Saem. Samantha chega com Diana.

Diana – Morto? Tens a certeza?

Samantha – Já vi mortos na televisão, e acredita, ele parece estar muito morto.

Diana – Não pode ser! Esse homem fez-nos passar por tudo! Temos de avisar o Bruno imediatamente.

Samantha – Tens razão, vou procurá-lo...

Mas Bruno entra.

Bruno – Já estou a par... Maldição, só faltava esta! No meu primeiro dia à frente de "Uma Vontade, Um Destino", e o meu convidado morre quase em direto! Que batismo de fogo. Ninguém vai querer vir ao programa depois disto...

Diana – Por outro lado, as audiências estavam a cair a pique. Isto pode reacender o interesse do público...

Bruno – Achas?

Diana – Seja como for, por agora temos de chamar a polícia.

Bruno – Já o fiz. Chegarão dentro de momentos.

Diana (*para Samantha*) – Mas, como é que ele morreu?

Samantha – Eu lá sei!

Bruno – De qualquer forma, não foi de velho. (*Para Diana*) E se fosses dar uma vista de olhos...

Diana – Não sei se... Talvez fosse melhor que ninguém entrasse nessa casa de banho por agora. É a cena do crime...

Samantha – Achas que foi um crime?

Diana – Não, bem... Não sei... Mas foi onde encontramos o corpo. É melhor não mexer em nada até a polícia chegar, não?

Bruno – Samantha, miúda, põe um cartaz na porta da casa de banho para que ninguém a use até resolvermos este pequeno problema.

Samantha – E o que escrevo no cartaz?

Bruno – Não sei! Improvisa!

Samantha sai.

Bruno – Que desastrada...!

Diana – Foste tu que a contrataste...

Bruno – Temos de dar uma oportunidade à juventude.

Diana – Se é uma obra humanitária, então...

Entram Ramírez e Sánchez (homens ou mulheres).

Ramírez (*mostrando a sua insígnia*) – Comissário Ramírez, e este é o meu adjunto, Sánchez.

Bruno – Ah, bom dia, Comissário, estávamos à vossa espera. Sou Bruno Cascaldi, apresentador do programa "Uma Vontade, Um Destino". E esta é a minha assistente, Diana.

Ramírez – Muito bem. Então, tenho uma primeira pergunta para si, senhor Cascaldi.

Bruno – Estou a ouvir.

Ramírez – Conhece o apresentador do tempo na Tele2?

Diana – Acha que ele tem algo a ver com a morte de Carlos De La Vega?

Ramírez – Nada sugere isso por enquanto. Só queria saber se são próximos. A minha sogra adora-o. Se me pudesse arranjar um autógrafo... É amigo dele?

Bruno – Bem... Tive a oportunidade de o conhecer, sim... Neste meio, sabe como é, conhecemo-nos todos. Além disso, tem uma casa de campo não muito longe da minha.

Diana – O corpo está na casa de banho, Comissário.

Ramírez – Ah, sim, o corpo... Sánchez, vá dar uma olhadela ao cadáver, quer?

Sánchez – Sim, Comissário.

Diana – É por aqui, acompanho-o...

Ramírez – Detesto ver cadáveres. Sei que, no meu trabalho, já devia estar habituado, mas não. Nunca me habituei... Quando não há sangue, aguento melhor. Em que estado está?

Bruno – Eu também não o vi, para ser honesto. Foi a estagiária que encontrou o corpo, e... confesso que também não sou fã desse tipo de espetáculo.

Ramírez – O pior é o cheiro. Corpos em decomposição são um horror...

Bruno – Não há esse risco, Comissário. Falei com ele há apenas quinze minutos. O cadáver ainda está quente, garanto-lhe.

Ramírez – Isso tranquiliza-me, Bruno... Então trata-se de Carlos De La Vega, certo?

Bruno – Sim, exatamente.

Ramírez – O nome dele soa-me familiar... É parente do famoso Don Diego?

Bruno – Don Diego...?

Ramírez – Don Diego De La Vega! Zorro !

Bruno – Ele é deputado, e o seu nome é mencionado para o Ministério da Administração Interna... Se não gostava dele, tem sorte, porque agora parece pouco provável que venha a ser o seu chefe...

Ramírez – Sabe, na política... Os governos mudam, mas a polícia fica... Ele era de direita ou de esquerda, esse?

Bruno – Centrista...

Ramírez – Quem é que iria querer fazer mal a um centrista? Quero dizer, a ponto de o matar...?

Bruno – Acha que foi um assassinato, Comissário?

Ramírez – Preferia que sim. Pelo menos, não teria vindo para nada... (*Dá uma olhadela ao público*) Mas diga-me, quem são estes tolos que estão a olhar para nós?

Bruno – É... o público, Comissário!

Ramírez – O público? Eu pensava que a televisão se via só na sala de estar de casa...

Bruno – O programa estava a ser transmitido em direto, e com público.

Ramírez – Entendo... Bem, diga-lhes que devem ficar à disposição da polícia, sim?

Bruno – Quer dizer que não podem ir para casa?

Ramírez – Receio que não, meu amigo. Afinal, pode haver aqui pessoas que há anos sonham com assassinar um centrista.

Bruno – Nesse caso, senhoras e senhores, peço-lhes que permaneçam sentados nos seus lugares até novo aviso. Se esta situação se prolongar demasiado, claro, traremos água mineral e mantas. Obrigado pela compreensão, e mais uma vez, desculpem por este incidente tão lamentável quanto inesperado.

Ramírez – Pois é, já vê... Há dias assim. É questão de azar... Como no teatro. Não se pode sair antes de a peça acabar. Vai ao teatro de vez em quando?

Bruno – Raramente, para ser sincero.

Ramírez – Faz bem. No domingo passado, a minha mulher arrastou-me para ver uma peça. Acredite, se pudesse ter escapado no intervalo...

Bruno – Não o deixaram...?

Ramírez – Pior... Não havia intervalo!

Bruno – Peças sem intervalo deviam ser proibidas.

Ramírez – Bem, quem mais estava presente neste estúdio quando ocorreu a morte do senhor De La Vega?

Bruno – Vamos ver... Os convidados que tínhamos para falar sobre ele, os técnicos do estúdio...

Ramírez – Nesse caso, ninguém deve sair daqui, certo?

Bruno – Muito bem, Comissário.

Ramírez – Era próximo da vítima?

Bruno – Próximo... não, não se pode dizer isso.

Ramírez – Mas trata-o pelo nome próprio.

Bruno – Sabe como é, neste meio todos nos tratamos pelo nome próprio e damos dois beijos. Às vezes até dormimos juntos. Mas isso não quer dizer que sejamos íntimos... De qualquer forma, estudámos juntos na universidade há alguns anos...

Ramírez – A sério? Que tipo de estudante era? Bom aluno? Bom colega?

Bruno – Já era um pouco "puxa-saco", para ser honesto... Mas, acha mesmo que isso vai ajudar na investigação?

Ramírez – Provavelmente não. Além disso, primeiro devíamos saber se a morte do senhor De La Vega não foi natural. Ah, lá vem o Sánchez...

Sánchez entra com Diana.

Ramírez – Então, o que diz o cadáver?

Sánchez – À primeira vista, não muito, Comissário. Não há sangue. Não há sinais de pancadas. Não há marcas de estrangulamento. Mas preferi não mexer em nada até o médico legista chegar.

Diana (*entusiasmada*) – Que emocionante! Sinto-me como se estivesse numa série de polícias...

Ramírez – Aparentemente, a morte da vítima não a afeta muito...

Diana – Era a primeira vez que o via... E a verdade é que ele não era particularmente simpático. Acho que a nossa estagiária pode confirmar isso...

Ramírez – A sua estagiária... Foi ela quem descobriu o corpo, se não estou enganado. Gostaria de falar com ela, de facto.

Bruno – Vou chamá-la, Comissário...

O telemóvel de Sánchez toca.

Sánchez – Sim... Está bem, já vou... O legista acabou de chegar, vou tratar disso.

Ramírez – Sente-se aqui, senhorita.

Diana senta-se num dos sofás e Ramírez noutro.

Diana – Que engraçado. Sinto-me como se fosse a convidada do programa...

Ramírez – Que coincidência, sempre sonhei em ser apresentador de televisão.

Diana – Ofereço-lhe um café, Comissário?

Ramírez – Não, obrigado, nunca tomo café. Depois não consigo dormir o dia todo. (*Vê a chávena meio cheia que Carlos deixou*) Mas o que é isto?

Diana – É... infusão. Aquela que o senhor De La Vega pediu para aclarar a voz antes do programa.

Ramírez – Ah, percebo... Um truque de quem trabalha na televisão...

Diana – Ao que parece, só bebeu metade. Mas agora deve estar fria...

Ramírez tosse um pouco.

Ramírez – Está bem. Também estou com uma ligeira rouquidão.

Ramírez esvazia a chávena de infusão sob o olhar incrédulo de Diana. Bruno volta.

Bruno – A Samantha está a caminho...

Ramírez – Muito bem. Então, vamos a isso.

Diana – Estou pronta para responder a todas as suas perguntas, Comissário.

Ramírez – Nome, apelido, idade...?

Diana – Chamo-me Diana López. Quanto à idade, é uma informação que só revelo sob tortura.

Ramírez – Estado civil e profissão...?

Diana – Sou solteira, sem filhos a cargo, e sou assistente pessoal do senhor Bruno Cascaldi.

Ramírez faz um gesto para a cabine de controlo. Um foco dirige-se para Diana.

Ramírez – Então, Diana, conte-me um pouco sobre a sua relação com o senhor Cascaldi. Li na imprensa que a vossa história não é só profissional...

Diana – Já sabe, dizem-se tantas coisas nos jornais...

Ramírez – Não vai sair-se bem com uma resposta tão vaga, Diana. O público está aqui, a ouvi-la. E eles também querem saber...

Diana – Ah, é verdade, o público... Talvez devêssemos deixá-los ir, não?

Ramírez – Não se preocupe com eles, querida. Deviam ter ficado sossegados em casa a ver televisão, como toda a gente. Mas ainda não respondeu à minha pergunta... Então, se tivesse de escolher um estado no Facebook para descrever a sua relação com o senhor Cascaldi, qual seria? "Numa relação"? "A viver juntos"? "Numa relação aberta"?

Diana – Digamos antes... "É complicado".

Ramírez – Já percebi...

Sánchez volta com Samantha, a estagiária, que traz uma mala com algo volumoso.

Sánchez – Aqui está a estagiária, Comissário. Estava prestes a sair, mas consegui interceptá-la...

Ramírez – Então, senhorita, não se sente confortável connosco?

Samantha – De maneira nenhuma! Eu só ia...

Ramírez – Veremos. Alguma novidade do legista?

Sánchez – Segundo ele, pode tratar-se de uma intoxicação, Comissário.

Ramírez – Uma intoxicação... voluntária, quer dizer? Um envenenamento?

Bruno – Mas, quem poderia querer envenenar Carlos De La Vega?

Sánchez – O laboratório dir-nos-á mais em breve.

Ramírez – Muito bem, então vamos ao que interessa, Samantha.

Samantha (*involuntariamente provocativa*) – Estou inteiramente à disposição da polícia, Comissário...

Ramírez – E acredite, apreciamos muito a sua vontade de colaborar. (*No entanto, Ramírez mexe-se um pouco desconfortável na cadeira.*) Sánchez, cuide dela, já volto. Tenho de tratar de algo na casa de banho.

Diana – Mas... é lá que está o cadáver.

Ramírez – Bem, aproveito para dar uma vista de olhos ao corpo.

Sánchez – Deixe a sua mala e sente-se ali.

Diana – Acompanho-o, Comissário.

Ramírez e Diana saem. Samantha deixa a sua mala e senta-se.

Samantha – Obrigada...

Sánchez – Como se chama?

Samantha – Samantha Delgado.

Sánchez – Então, Samantha, o que fazia na casa de banho dos homens quando descobriu o corpo sem vida do senhor De La Vega?

Samantha – Bem, eu...

Sánchez – Reconheça que o lugar de uma senhora é mais na casa de banho das mulheres... Então, o que fazia ali?

Samantha parece muito desconfortável.

Bruno – Ela estava comigo.

Sánchez – Ah, sim?

Bruno – Sou um cavalheiro, não posso deixar a senhorita numa situação embaraçosa.

Sánchez – Há algo que não faz sentido, senhor Cascaldi... Porque é que um cavalheiro como o senhor precisava de estar com a sua estagiária na casa de banho dos homens?

Bruno – Não vou fazer-lhe um desenho...

Sánchez – Veremos se será necessário mais tarde. Posso fazer-lhe uma pergunta, senhor Cascaldi?

Bruno – Sim...

Sánchez – Tem uma relação amorosa com a senhorita Delgado?

Bruno – Ehm... Foi o que acabei de lhe dizer, não foi?

Sánchez – Ah, desculpe, não tinha percebido... Certo... Mas então, senhor Cascaldi, porque não disse desde o início que estava lá quando a sua estagiária descobriu o corpo do senhor De La Vega?

Bruno – Estávamos os dois trancados numa cabine da casa de banho dos homens! Compreenda que era bastante embaraçoso...

Sánchez – Embaraçoso para quem?

Ramírez volta com Diana.

Sánchez – Alguma novidade, Comissário?

Ramírez – Não consegui usar a casa de banho dos homens, havia um cartaz na porta a indicar que estava temporariamente inabilitada por trabalhos de remoção de amianto.

Os olhares de Bruno e Diana dirigem-se a Samantha.

Samantha – Achei que era o argumento mais eficaz para impedir que alguém entrasse na casa de banho enquanto o corpo ainda lá estava...

Ramírez – De qualquer forma, segundo as primeiras análises do legista, parece que Carlos morreu por overdose.

Bruno – Overdose? Não sabia que ele fosse drogado.

Sánchez – Overdose de quê, Comissário?

Ramírez – A hipótese mais provável é uma overdose de infusão.

Bruno – Se essa é a sua hipótese mais provável, Comissário, confesso que estou curioso para saber qual seria a menos provável.

Diana – Overdose de infusão? Não sabia que a infusão podia ser tão tóxica...

Ramírez – Segundo o legista, numa concentração muito alta, sim. Parece que o senhor De La Vega teria ingerido numa só chávena uma dose massiva de camomila. O que o teria colocado num sono profundo, quase em coma.

Samantha – Então, ele não está morto?

Ramírez – Ainda não, mas não há garantias de que volte a acordar.

Sánchez pega na chávena vazia que está sobre a mesa e examina-a, pensativo.

Sánchez – E quando diz camomila, Comissário, pode tratar-se de uma infusão como a que parece ter estado nesta chávena vazia?

Diana – Sim, confirmo, é a mesma infusão que o senhor De La Vega bebeu antes de falecer. Mas...

Ramírez sente-se subitamente mal.

Ramírez – Então, em breve conheceremos os efeitos tóxicos deste veneno potente...

Sánchez – Mas quem poderia ter envenenado essa bebida, Comissário?

Ramírez vira-se para o público.

Ramírez – Já interrogaste estes?

Sánchez – Eh... Não, ainda não...

Ramírez – O culpado pode estar entre eles... Dá uma volta pelo público, Sánchez, e se vires alguém que pareça ter a consciência pesada... E não me refiro aos que entraram sem pagar o bilhete...

Sánchez desce até ao público e examina os espectadores com um olhar suspeito. Aqui pode haver espaço para uma pequena improvisação, dependendo da natureza do público, das reações e da inspiração do momento. Sánchez finalmente pára diante de uma espectadora (ou espectador), que na verdade é um ator.

Sánchez – Pode acompanhar-me, por favor?

Daniela – Porquê eu?

Sánchez – Vamos dizer... controlo facial. Mas não se preocupe, damos-lhe um recibo depois de lhe darmos uma tareia e tatuamos os nossos números de identificação nas suas nádegas, está bem?

A espectadora segue-o a contragosto.

Ramírez – Revista-a.

Sánchez revista o espectador com uma palpação. Parece sentir algo suspeito, tira do bolso do casaco da espectadora e mostra diante dos olhos do colega.

Sánchez – Bingo, Comissário. Uma caixa inteira de infusão Noite Tranquila...

Ramírez – Ora bem, o que tem a dizer para explicar isto?

Daniela – É para consumo pessoal, Comissário!

Sánchez – Todos dizem isso...

Ramírez – Teremos de verificar a origem desta porcaria. Para evitar mais vítimas inocentes. Mesmo que seja de boa origem, pode ter sido adulterada com substâncias muito mais tóxicas.

Sánchez (*lendo na caixa*) – Tília, verbena, camomila... Tem razão, Comissário, também há corantes e aditivos...

Ramírez – Sente-se aí. (*O espectador senta-se.*) Tens sorte, amigo. Este é o teu momento de fama... Vamos entrevistar-te!

Daniela – Mas eu não fiz nada, juro!

Sánchez – Claro, vais ao teatro depois de beber uma infusão Noite Tranquila, enquanto toda a gente se empanturra de café para não adormecer, e esperas que acreditemos?

Ramírez – Vai buscar as Páginas Amarelas, Sánchez.

A espectadora parece aterrorizada.

Bruno – Ainda assim, não vão maltratar um dos nossos espectadores... Já nos custa bastante a trazê-los... Imaginem as críticas desastrosas na imprensa e nas redes...

Ramírez – Calma, as Páginas Amarelas não são para lhe dar na cabeça. Só para encontrarmos o número de um serviço de entregas de pizza. Estou com fome, e você não?

Samantha – Eu trato disso, Comissário.

Samantha volta com as Páginas Amarelas e entrega-as a Sánchez.

Sánchez – Vamos ver... Pizza, pizza... Isto serve... (*Marca um número.*) O de sempre, Comissário?

Ramírez – Equipa vencedora não se mexe.

Sánchez – Sim, é para pedir duas pizzas... Uma Margarita com extra queijo e uma Napolitana. A morada? (*Orgulhoso*) Estamos a gravar nos estúdios da Tele2. Sim, o canal de televisão, exato... Ah, sabe onde é? Perfeito. Obrigado.

Guarda o telemóvel.

Ramírez – Bem, onde é que estávamos...?

Sánchez – E o que vamos beber com isso?

Ramírez – Não pediste as nossas cervejas?

Sánchez – Completamente esqueci-me, Comissário.

Ramírez dirige-se à espectadora.

Ramírez – Bem, vai buscar-nos duas latas.

Daniela – Eu?

Sánchez – Sim, tu!

Diana – Não têm medo de que ela não volte?

Sánchez – Não com isto.

Coloca uma pulseira eletrónica no tornozelo da espectadora.

Bruno – Uma pulseira eletrónica?

Sánchez – Combinada com uma pistola elétrica. Fomos nós que a fabricámos. É infalível.

Bruno – Ah, sim... Tenho algo bastante semelhante para treinar o meu cão...

Ramírez – Sim, em parte inspirámo-nos nisso, na verdade.

Bruno – Devíamos generalizar o sistema para os espectadores de teatro. Reduziria o risco de fugirem no intervalo.

Sánchez – Anda lá, vai buscar!

A espectadora sai.

Ramírez – Voltemos ao que interessa...

Sánchez – Então a estagiária dorme com o apresentador na casa de banho...

Diana – Perdão?

Sánchez – Desculpa, se não sabias...

Ramírez – Receio que, quanto ao teu estado no Facebook, em breve terás de mudar de "é complicado" para "é muito complicado"...

Diana lança um olhar de ódio para a estagiária.

Diana – Vaca!

Samantha – Bruxa!

Sánchez – Vá lá, senhoras, um pouco de decoro. Lembro-lhes que este interrogatório está a ser gravado em direto e com público...

Ramírez – Tentativa de homicídio por administração massiva de camomila... É curioso, faz-me lembrar estranhamente outro caso.

Sánchez – Acha que podemos estar perante um assassino em série?

Ramírez – A menos que seja simplesmente um crime de baixa categoria.

Diana – Mas porquê?

Ramírez – É verdade que ainda não temos o motivo...

Bruno – Ele sonhava ser presidente, mas temos de admitir que as suas hipóteses eram bastante escassas.

Samantha – Não era o Kennedy, isso é certo.

Diana – Um centrista não incomoda ninguém.

Sánchez – Um centrista em coma, ainda menos.

Bruno – Embora a diferença entre um centrista em coma e um que não está nem sempre seja perceptível à primeira vista.

Silêncio desconcertante.

Ramírez – Tragam-me os convidados, também lhes faremos perguntas.

Samantha – Vou buscá-los.

Sánchez – Falando em comida, estou a morrer de fome. E você, Comissário?

Ramírez – Não sei o que se passa comigo, não tenho apetite. Espero que não sejam os primeiros efeitos dessa infusão tóxica que acabei de beber.

Sánchez – É curioso... Quando eu fumo um charro, fico com fome...

Samantha regressa com Claudia.

Ramírez – Ora bem, senhora, não percamos mais tempo. Confessa já ou prefere que lhe demos uma tarefa antes?

Claudia – É verdade que quando o tive como aluno no Colégio Nossa Senhora do Pilar, odiava-o. Ele era o meu bode expiatório. Mas, Comissário, a caridade cristã proíbe-me de ceder ao desejo de vingança.

Ramírez – Claro, avó, conta-me outra. Passa-me o taser, Sánchez, vamos refrescar a memória desta velha beata.

Claudia – Está bem, na altura pensei em afogá-lo durante o recreio, enfiando-lhe a cabeça na sanita. Mas não tive coragem...

Sánchez – Foi a única vez?

Claudia – Também lhe pus um pouco de veneno para ratos no lanche, mas não resultou grande coisa. E bem, já foi há anos, Comissário. Já deve ter prescrito, não?

Sánchez – Claro, avó, não se preocupe... Se uma professora não pode livrar-se dos alunos mais barulhentos, como vai impor um pouco de ordem na sua turma?

Ramírez – Espero que ninguém na sala tenha deixado os seus filhos com uma babysitter deste estilo para vir ver o espetáculo... Bem, o que aconteceu ao tipo que devia trazer as nossas cervejas?

Sánchez – Vou acelerar o processo, Comissário.

Saca de um tipo de controlo remoto e carrega num botão. A espectadora aparece imediatamente, com o cabelo eriçado como se tivesse acabado de levar um choque elétrico. Entrega duas caixas de pizza e duas latas de cerveja aos polícias.

Ramírez – Aqui está!

Daniela – Encontrei o estafeta das pizzas quando voltava...

Abrem as caixas e Sánchez começa a comer de forma bastante desordenada.

Sánchez – Quer um pouco?

Diana – Não, obrigada...

Sánchez – Está a perder uma delícia.

Ramírez – Bem, avó, pode ir-se embora. Que venha o próximo...

Diana – Na receção entregar-lhe-ão uma urna como compensação por todos estes pequenos inconvenientes.

Bruno – Para que não leve uma má recordação da sua participação no nosso programa.

Diana – De qualquer forma, tivemos de cancelar a nossa sessão de televenda e não sabemos o que fazer com os produtos.

Claudia – Uma urna? Que amabilidade, muito obrigada...

Claudia sai. Entra Fabiola.

Ramírez – Bem, suponho que você também odiava a vítima, certo?

Fabiola – De forma alguma, eu adorava-o! Até lhe tinha um verdadeiro culto...

Ramírez – Revista-a, ela tem um ar que não me inspira confiança. E sabes que quanto a perfis, raramente me engano.

Sánchez revistou-a e tira do bolso uma figurinha com a imagem de Carlos, com agulhas espetadas nela.

Sánchez – E você tinha razão outra vez, Comissário...

Ramírez – Essa boneca com agulhas espetadas nos olhos... Parece-se muito com a vítima, não acha? Então, era assim que lhe prestava culto?

Fabiola – Está bem, tentei lançar-lhe um feitiço. Mas nunca resultou, juro!

Sánchez – Até hoje, pelo menos...

Ramírez – Bem, também pode ir-se embora. Não vamos começar a fazer espiritismo aqui. Nós fazemos ciência forense, não somos exorcistas...

Fabiola sai. Ouvem-se ruídos de luta e entra a baronesa Cassandra Von Kronenbourg, apesar dos esforços de Paco e Manolo para a impedir.

Cassandra – Larguem-me, bando de brutos! Também tenho coisas a dizer!

Manolo – Vá lá, seja razoável...

A baronesa debate-se para escapar dos dois gorilas.

Cassandra – Deixem-me passar!

Ramírez – E quem é esta louca?

Diana – É a sogra da vítima, Comissário.

Ramírez – A sogra? Saiba, senhorita, que em 10% dos crimes familiares é a sogra quem mata o genro. Ou o contrário... Deixem-na passar, vamos interrogá-la. (*Paco e Manolo largam a baronesa.*) Sente-se, senhora.

Cassandra – Ah, finalmente... Obrigada, senhor... Pelo menos você é um verdadeiro cavalheiro... (*Arranja um pouco a roupa e o cabelo e senta-se com vaidade.*) Então, podemos começar já? (*Como se estivesse na televisão.*) Bom dia a todos. Sou a baronesa *Cassandra Von Kronenbourg*.

Ramírez – Então conhece bem Carlos De La Vega...

Cassandra – Se o conheço? É o meu genro! E sem querer bajular, ao contrário de todos os testemunhos mal-intencionados que ouvi até agora, devo dizer que o Carlos é o genro ideal.

Ramírez – O genro ideal? Diz isso pelo estado em que ele se encontra neste momento?

Cassandra – É verdade que para mim, saber que a minha filha está casada com um homem que talvez a faça Primeira Dama do nosso país... É um orgulho. Porque isso me tornaria automaticamente, por assim dizer, na primeira Sogra. Aproveito para saudar a minha filha, que certamente nos está a ver agora...

Faz um pequeno gesto discreto com a mão.

Ramírez – Então, segundo você, não tinha nenhuma razão para querer assassiná-lo...

Cassandra – Assassinar o meu genro? Por favor, isso é ridículo! (*Para Diana*) Senhorita, pode dizer-me onde está a câmara? Não a vejo...

Diana – A câmara? Mas não há nenhuma câmara. Ou seja, quero dizer...

Cassandra – Não há câmara? Mas estou no estúdio de "Uma Vontade, Um Destino", não estou? E este senhor que me faz perguntas, não é o famoso apresentador Bruno Cascaldi?

Ramírez – O que diz?

Diana – Ela está a confundi-lo com o Cascaldi...

Bruno – Acho que a senhora pensou que estava a ser entrevistada para o programa...

Ramírez suspira, cansado.

Ramírez – Muito bem, levem-na.

Sánchez leva Cassandra para os bastidores.

Cassandra – Mas isto é uma loucura! Querem silenciar-me! É uma conspiração!

Ramírez – Tragam os técnicos. São os únicos que ainda não interrogámos.

Diana faz entrar Paco e Manolo, ainda vestidos com os seus macacões de trabalho. Sánchez regressa.

Ramírez – Olá, siameses. Digam-me, o que tinham contra o senhor De La Vega? Parece que todos o odiavam...

Paco – Contra ele? Nada, absolutamente nada.

Manolo – Nada de nada.

Ramírez – Ele era homofóbico, certo?

Paco – Homofóbico? Não... Bem, não sei.

Sánchez – Era contra o casamento gay?

Manolo – Mas o que é que isso tem a ver connosco?

Sánchez – Vá lá, rapazes, não nos façam de parvos. Não me digam que vocês os dois...

Ramírez – O macacão, os bigodes, o estilo Super Mario...

Paco e Manolo aproximam-se do comissário, ameaçadores.

Manolo – O que está a insinuar?

Paco – Não, mas vamos enfiar-lhe o microfone pela goela abaixo...

Diana interpõe-se para evitar o confronto.

Diana – Por favor, senhores, parem! Chega de violência por hoje! Eu confesso, Comissário, fui eu que deitei um pacote de laxante na infusão do senhor De La Vega.

Ramírez – Laxante? Mas porquê?

Diana – Para lhe dar uma lição! Ele foi desagradável com toda a gente aqui... Mas não vejo como isso o poderia ter matado...

Ramírez – Laxante? Foi só isso? Deixas-me mais tranquilo. Como eu também bebi dessa infusão... Mas isso não explica o estado em que o senhor De La Vega se encontra...

Entra Carlos, cambaleante.

Sánchez – Ah, isto vai relançar a investigação. Num caso criminal, é muito raro poder ouvir o testemunho da vítima.

Ramírez – Então, amigo, conta-nos tudo. Quem tentou matar-te?

Carlos – Matar-me?

Sánchez – Não te lembrás de nada, pois não?

Carlos – Ah, sim, já me lembro. Tinha uma urgência. Entrei na casa de banho e... ao sair, vi a Samantha. Perguntei-lhe o que fazia na casa de banho dos homens, e foi aí que perdi o fio...

Samantha – O Bruno tinha acabado de sair. O senhor De La Vega tentou aproveitar-se da situação... Bati-lhe com a minha mala para me livrar dele.

Ramírez – Se está em causa a honra de uma senhora, então...

Sánchez – Mas o que é que tens nessa mala? Um bigorna?

Sánchez pega na mala de Samantha e tira de lá uma impressora.

Ramírez – O que fazes com uma impressora na mala?

Sánchez – É só uma precaução, caso alguém tentasse contra a tua virtude?

Ramírez – Sabes que um spray de gás pimenta é muito mais leve...

Diana – Sim, e é ainda mais curioso porque essa impressora parece-se muito com a que desapareceu do meu escritório esta manhã.

Samantha – Precisava de uma impressora, e com o que me pagam aqui...

Ramírez – Está claro que receber isso na cabeça é mais eficaz do que uma dose de camomila...

Sánchez – Queres apresentar queixa?

Carlos – Não será necessário... Na minha posição, prefiro que este assunto não se torne público, percebe? Posso ir-me embora?

Ramírez – À vontade, por favor...

Carlos sai. Samantha e Diana seguem-no.

Bruno – Obrigado, Comissário. Agradeço-lhe muito por ter conduzido esta investigação com tanta discrição e delicadeza.

Ramírez – Estou às ordens.

Bruno – Agora que penso nisso, o que acha de participar no programa?

Ramírez – Como convidado de honra?

Diana – Também recebemos pessoas representativas da sociedade civil. E como polícia, é de certo modo um herói social...

Ramírez – A sério?

Bruno – Com isto tudo, tivemos de cancelar a gravação da televenda. Podíamos gravar esta entrevista agora mesmo, já que está aqui.

Ramírez – Porque não? Então, vou aparecer na televisão?

Bruno – Não é na Tele1, mas enfim...

Ramírez – A minha mulher vai ficar encantada. Está bem. Sento-me aqui?

Bruno – Exatamente. E desta vez, sou eu quem faz as perguntas...

Ramírez – Não estou muito habituado a responder, mas farei o melhor possível...

Bruno – Vamos fazer um pequeno ensaio antes de ligar a câmara, está bem? Vamos lá... Então, senhor Ramírez, como sabe, a polícia não é muito apreciada no nosso país. Por que acha que isso acontece?

Ouvem-se vozes alteradas. Samantha e Diana entram em cena a agarrar-se pelo pescoço.

Bruno – Ah, parece que vamos ter de interromper a nossa entrevista...

Ramírez – O que se passa agora?

Bruno – Um pequeno desacordo doméstico, ao que parece...

Ramírez – Não pode ser! Logo agora que tinha a oportunidade de aparecer na televisão!

Tira o seu taser e aponta para as duas raparigas, que começam a contorcer-se antes de caírem no chão.

Ramírez – Pronto, agora podemos estar sossegados durante cinco minutos. Acredita, é mais eficaz do que a infusão.

Bruno – Uau...! Conseguirias arranjar-me algo assim? Acho que me ajudaria muito nas minhas relações profissionais.

Ramírez – Se me conseguir um autógrafo do apresentador do tempo para a minha sogra...

Bruno – Vou ver o que posso fazer... Vá lá, voltamos já de seguida. Prontos na cabine? Sintonização!

Sintonização do programa.

Escuro.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Comédias para 2

A janela da frente
Cara ou coroa
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue

Comédias para 3

Crash Zone
Cuidado frágil
Méngae à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Quarentena
Quatro estrelas
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comedias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Jogo de Escape
O Jackpot
O Sorteio do Presidente
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as feras...
Pré-histórias Grotescas
Réveillon na esquadra
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comedias de sainetes (sketches)

Breves do tempo perdido
Breves de palco
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
De verdade e de brincadeira
Ela e Ele
Morrer de Rir

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediathèque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Outubro de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-265-4

Documento para download gratuito